

MEMÓRIA E PRODUÇÃO DISCURSIVA DO SENTIDO: A MULHER-PROFESSORA EM FOCO NOS JOGOS ENUNCIATIVOS

Karla Perim Muzzi*

Resumo: Este artigo trata-se de uma síntese da dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES). A pesquisa focaliza um *campo do enunciável*, em que os processos de produção e circulação de sentidos estão ligados à memória. O objetivo da pesquisa limita-se a observar alguns *jogos enunciativos* realizados pela *mulher-professora* e apreender os sentidos decorrentes da articulação entre enunciados mapeados nos textos do *corpus*. A análise descritivo-interpretativa fundamentou-se, sobretudo, na proposta metodológica de Pierre Achard (2007) sobre o papel da memória na produção discursiva do sentido, além do conceito foucaultiano de *formação discursiva* (1995). Como resultado, foram detectadas seis *regularizações enunciativas*, que se materializavam intradiscursivamente nos textos. Observou-se, enfim, seis processos discursivos de produção de sentidos, que “delineiam” – de forma não linear nem homogênea – a *mulher-professora* e sua prática docente, a partir de suas próprias enunciabilidades.

Palavras-chave: Linguagem e História. Análise do discurso. Memória. Produção discursiva do sentido.

Abstract: This text summarizes an MA dissertation produced within the Post-Graduate Program in Linguistic Studies at the Federal University of Espírito Santo, Brazil (PPGEL/UFES). The focus of the investigation is the scope of the statable, in which processes related to the production and circulation of meaning are linked to memory. The aim of the research is limited to: (1) the observation of some stating games, which are developed by women teachers, and (2) the apprehension of the meanings emerging from the articulation among statements in the corpus of texts. The interpretative-descriptive analysis adopted is based, mainly, on the methodology proposed by Pierre Achard (2007), which deals with the role of memory in discursive meaning production, but it also resorts to the foucaultian concept of discursive formation (1995). As a result of the investigation, six statement regularizations have been detected, which were found to be intradiscursively material in the texts. Finally, one observes six meaning production discursive processes which “outline” – in no linear or homogeneous way - the woman teacher and her teaching practice, based on her own stabilities.

Keywords: Language and History. Discourse analysis. Memory. Discourse production of meaning.

* Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES). muzzikarlamuzzi@yahoo.com.br. Orientação: Prof.^a Dr.^a Virginia Beatriz Baesse Abrahão.

Introdução

O que se diz sobre as mulheres na condição de professoras? O que se diz das professoras na condição de mulheres? O que elas dizem de si mesmas?

Essas foram algumas das questões que nos motivaram inicialmente a investigar, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES), sobre um *espaço do dizer* da mulher em condições bastante específicas, isto é, marcada pelo papel social de professora, situada no contexto escolar e exercendo práticas educacionais a partir desse papel e desse contexto. Em termos gerais, podemos resumir que nossas investigações incidiram sobre o *campo do enunciável* que tem como foco a *mulher-professora* e a educação promovida por ela.

Com a presente pesquisa de mestrado buscamos observar alguns *jogos enunciativos* que participam desse campo, realizados pela mulher-professora e em torno dela, na tentativa de revelar alguns processos de sentidos produzidos em decorrência da articulação entre enunciados mapeados em textos escritos por professoras participantes de um projeto de formação continuada. Situamos, portanto, nossas investigações nessa *ordem do enunciável*, que se insere no interior de uma perspectiva linguística e, ao mesmo tempo, fora dela, uma vez que nossas reflexões não se restringiram à materialidade linguística. Ao contrário, buscaram ampliar-se à constituição dos discursos e à possibilidade de estes serem enunciados.

Aventurar-se por entre esse espaço discursivo do dizível requer partir de algumas premissas quanto ao constante movimento dos sentidos, em que, sobretudo, o sentido *velho* e o sentido *novo* articulam-se. É dessa forma, enfim, que podemos empreender os processos discursivos dos sentidos ligados à memória.

Memória e produção discursiva do sentido

Para compor o mapa teórico-metodológico que nos guiasse por esse caminho movente da produção discursiva do sentido ligada à memória, mapeamos alguns conceitos e métodos que nos serviram de âncora para abordar tal fenômeno enunciativo.

A primeira grande premissa de nossa pesquisa refere-se à maneira de encarar a linguagem enquanto uma instância que permita articular os processos históricos aos fenômenos linguísticos. Segundo essa perspectiva, o homem é reconhecido por sua capacidade de significar e significar-se, e a linguagem é encarada como mediação necessária

entre ele e a sua realidade social. É, enfim, procurar compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico. Estudar a linguagem, conforme Kristeva (1969, p. 21),

captar a multiplicidade dos seus aspectos e funções, é construir uma ciência e uma teoria estratificadas cujos diferentes ramos abrangem os diferentes aspectos da linguagem, para poderem, num tempo de síntese, fornecer um saber sempre mais preciso do funcionamento significante do homem (KRISTEVA, 1969, p. 21).

Nesse caso, uma teoria da determinação histórica dos processos semânticos é que melhor acolhe um projeto como esse, que inscreve os processos de significação no campo do discurso. Levar em consideração a história no interior dos estudos linguísticos acaba, portanto, promovendo uma discussão sobre os limites e as transgressões da língua, em especial quando se refere ao sentido, pois “se o homem é assim capaz de jogar sobre o sentido, é porque, por essência, a própria língua encobre esse ‘jogo’, quer dizer o impulso metafórico interno da discursividade, pelo qual a língua se inscreve na história” (PÊCHEUX, 1997, p. 62-63).

Encontramos em Jean-Jacques Courtine (1999 e 2007) uma referência para se pensar a produção e circulação dos sentidos, na medida em que o autor concebe o discurso no interior de um *feixe de relações entre a língua e a história*, promovendo articulações entre o discurso e o que lhe é historicamente “anterior”. O que nos leva a pressupor que os discursos vêm sempre de outros discursos que lhes são prévios, e que são retomados de alguma forma. Com isso não temos “propriedade particular” sobre o que dizemos. Como Orlandi (2002, p. 32) salienta, “as palavras na são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras.”

Essa relação, entre linguagem e história, será então tratada a partir das relações que se estabelecem entre a memória e a produção e circulação do discurso. Entretanto, ao analisar os movimentos da memória, não se deve confundir ingenuamente com um mero retorno às frases ditas e escutadas no passado, como se a memória fosse um mero depósito onde se acumulam informações antigas, aleatórias e dispersas. Trabalhar com a memória é debruçar-se sobre o implícito que se estrutura sobre “um imaginário que o representa como memorizado” (ACHARD, 2007, p. 13).

Sem desviar do ponto de vista discursivo, o trabalho com a memória, em termos analíticos, seria de (re)construção de implícitos por meio de operações de paráfrases, que retomariam os discursos colocando-os em circulação. No entanto, segundo Pierre Achard, não

há como provar a sua existência em outro(s) lugar(es). O que pode ser de fato realizado é um exercício que repousa sobre uma *regularização*.

A regularização se apóia necessariamente sobre o reconhecimento do que é repetido. Esse reconhecimento é da ordem do formal, e constitui um outro jogo de força, este fundador. Não há, com efeito, nenhum meio empírico de se assegurar de que esse perfil gráfico ou fônico corresponde efetivamente à repetição do mesmo significante. É preciso admitir esse jogo de força simbólico que se exerce no reconhecimento do mesmo e de sua repetição. Por outro lado, uma vez reconhecida essa repetição, é preciso supor que existem procedimentos para estabelecer deslocamento, comparação, relações contextuais. É nessa colocação em série dos contextos, não na produção das superfícies ou da frase tal como ela se dá, que vemos o exercício da regra. De outro modo, é engendrando, a partir do atestado discursivo, paráfrases, a considerar como derivações de possíveis em relação ao dado, que a regularização estrutura a ocorrência e seus segmentos, situando-os dentro de séries (ACHARD, 2007, p. 16).

Especificando melhor, podemos observar a construção do sentido de um discurso a cada nova co-ocorrência sua, na medida em que aparece em contextos variados. Essa forma de repetição permite fazermos uma espécie de inventário desse discurso que nos autoriza estabelecermos suas regularidades, para enfim designarmos os implícitos pelos quais eles convocam. Entretanto, essa regularização discursiva não é tão “regular” como se poderia supor. Ela está sempre suscetível a um jogo de forças na própria memória, que pode desregulá-la sob a influência do acontecimento discursivo novo. Essa instabilidade causada pelo choque do acontecimento pode deslocar os implícitos associados ao sistema de regularização anterior.

Teríamos assim a força da regularização, que busca manter certa estabilização parafrástica, competindo com a força da desregularização, que vem desestabilizar a rede de implícitos veiculados pelas operações de paráfrase. Esse jogo de força entre *regularização* e *desregularização* reforça a falta de estabilidade e de sedimentação dos implícitos. No entanto, não se deve supor que o trabalho resume-se em efetuar agrupamentos equivalentes quanto ao seu significado, como se palavras e/ou orações “dissemem a mesma coisa”. Isso significa dizer, entre outras coisas, que os processos de paráfrase não poderão ser resumidos enquanto sinonímia.

No trato com a memória, precisamos então partir de algumas premissas, quanto a sua peculiaridade. Em primeiro lugar, a memória discursiva não é linear. Ela é constituída por falhas e lacunas. Por conta disso, ela constitui-se o lugar de desdobramentos, réplicas, polêmicas. Trabalhar com a memória discursiva é, portanto, trabalhar na tensão entre a regulação e desregulação, é considerar tanto os aspectos homogeneizadores quanto aqueles

que provocam conflitos, rupturas, procurando sempre distinguir os processos discursivos atuantes na cristalização de determinados sentidos, em detrimento de outros. O resultado disso é uma reflexão sobre as relações de forças que permitiram a instalação do sentido hegemônico, aqueles que se figuram unívocos e estabilizados na materialidade discursiva. Enfim, trabalhar com os domínios da memória é ameaçar a homogeneidade, é procurar desestabilizar esses efeitos da memória que tentam neutralizar o heterogêneo, naturalizando as relações sócio-históricas e literalizando os sentidos.

O modelo de análise oferecido por Achard nos permite dar conta do fato de que “a memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação. A enunciação, então, deve ser tomada não como advinda do locutor, mas como operações que regulam o encargo, quer dizer a retomada e a circulação do discurso” (ACHARD, 2007, p. 17). Dessa forma, encarando o enunciado em seu “modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material)” (FOUCAULT, 1995, p. 98), podemos pensá-lo inserido na rede da história, que o constitui e ao mesmo tempo o determina. Segundo Foucault (1995, p. 112), o enunciado “tem sempre margens povoadas de outros enunciados”, o que lhe garante estar sempre atravessado por uma memória que trabalha estabelecendo relações possíveis entre um acontecimento do passado e lhe abre um futuro eventual, ou seja, distante de uma estabilidade e de uma homogeneidade. Assim, “não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” (FOUCAULT, 1995, p. 113).

Trazemos à discussão em torno do tema os estudos de Maria do Rosário Gregolin (2004), uma vez que a autora retoma textos de Foucault, abordando pontos fundamentais do pensamento autor e ressaltando o importante papel das suas idéias para os estudos do discurso, em especial para uma vertente da Análise do Discurso de linha francesa. A autora procura compreender o conceito foucaultiano de enunciado, que recebe centralidade em *Arqueologia do Saber* (1995). Ela conclui, sob a suposta voz de Foucault:

Com tudo isso, quero dizer que, desde sua raiz, o enunciado se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e status, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual. Imerso nessa rede verbal, ele só pode ser apanhado em uma trama complexa de produção de sentidos e, por isso, podemos concluir com uma característica geral e determinante sobre as relações entre o enunciado, o funcionamento enunciativo e a memória em uma sociedade: *não há enunciado em geral, livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo*¹ (GREGOLIN, 2004, p. 30).

¹ Esse último trecho, em itálico, foi retirado de *Arqueologia do saber*, 1995, p. 114.

Essa particularidade do enunciado, de *fazer parte de uma série ou de um conjunto*, de estar ligado à noção de repetição, seja sob formas de afirmações ou oposições, que permite que um discurso seja retomado e, portanto, perpassado pela memória, pode ser abordada por meio do conceito de *formação discursiva* (FD). Foucault concebe a FD como um conjunto de enunciados submetidos, paradoxalmente, a uma *regularidade* e uma *dispersão* de sentidos. Dessa forma, através de uma espécie de tensão constitutiva, detecta-se em uma série de enunciados uma regularidade (uma certa ordem geral) e uma dispersão (rupturas, desvios, diferenças, heterogeneidades).

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 1995, p. 43).

Com isso, pode-se perceber que Foucault não nega a unidade que se pode formar em grupos de enunciados, mas questiona a evidência dessa unidade, muitas vezes tomada como dada, à medida que propõe a descrição das dispersões. Certamente não se trata de encará-las como caóticas ou aleatórias. Sua proposta de descrição funda-se na possibilidade de se buscar os índices de regularidade, apesar das dispersões. Para Foucault, enfim, as fronteiras de uma FD são fundamentalmente instáveis, constantemente atravessadas por dispersões. Portanto, o discurso, para Foucault, não tem uma estrutura estável e acabada, mas está em constante construção, enfaticamente colocado sob o signo da heterogeneidade. As FDs passam ser, enfim, constituídas pela contradição, são heterogêneas por constituição, apresentam fronteiras fluidas e reconfiguram as suas relações continuamente.

Dando maior ênfase aos aspectos ligados à prática analítica – sem descolá-la dos princípios sobre os quais se sustenta –, Courtine (1981) admite que não se dissocia o estudo de um processo discursivo, no interior de uma certa FD, do estudo da determinação desse processo discursivo por seu *interdiscurso*. Isso significa concebê-lo como o lugar de formação de *pré-construídos* e da articulação de enunciados. É pensá-lo a partir da produção e circulação dos sentidos nas inter-relações entre FDs. O interdiscurso está, portanto, necessariamente relacionado à FD.

Segundo Gregolin (2006), a partir de problematizações feitas por Courtine (1981) ao projeto pecheuxiano inicial, o trabalho com as heterogeneidades discursivas passa a ser central, cujo tipo de análise permite capturar os efeitos do interdiscurso no intradiscurso. Para

Courtine (1981), o interdiscurso se resumiria enquanto lugar de construção do pré-construído – termo introduzido por Paul Henry, que designa uma construção anterior, exterior e independente, por oposição a que é construído na enunciação –, enquanto o intradiscurso seria o lugar de enunciação por um sujeito. Na prática, seria como se um elemento do interdiscurso se nominaliza e se encadeia no intradiscurso sob a forma de pré-construído, como se esse elemento se encontrasse já aí.

Para Courtine, a ordem do discurso é da ordem do *enunciável*. Por conta disso, o discurso só poderá ser construído em um espaço de memória, no espaço interdiscursivo, que é da ordem do repetível – “uma repetição que é ao mesmo tempo ausente e presente na série de formulações” (COURTINE, 1999, p. 21) –, em que séries de formulações que marcam, cada uma, enunciações distintas e dispersas que se repetem, se parafraseiam, que se opõem entre si e se transformam. Esse *domínio de memória* “constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciador na formação dos enunciados ‘pré-construídos’, de que sua enunciação apropria-se” (COURTINE, 1999, p. 18). É no domínio de memória, portanto, que se poderá articular os dois níveis: o do *enunciado* (plano dos dizeres já-ditos) e o da *enunciação* (plano do que se está dizendo, o “aqui” e “agora” dos discursos), que se referem, respectivamente, ao interdiscurso e ao intradiscurso.

Devidamente centrada na constituição dos processos de significação, a partir de uma perspectiva interdiscursiva, nossa prática analítica não se limitará à descrição (decodificação de signos linguísticos), nem se restringirá à interpretação (busca dos sentidos exteriores ao texto). O trabalho de análise deverá situar-se exatamente no *entremeio*, simultaneamente, entre a descrição e a interpretação.

Prática analítica discursiva – entre a descrição e a interpretação

Procuramos exercer uma análise descritivo-interpretativa, uma espécie de imbricação entre os dois procedimentos, de descrição e interpretação. Evidentemente, não se trata de duas etapas sucessivas, muito menos estanques.

Consideraremos a questão do ponto de vista da memória. Isto é, trata-se de um saber disseminado, retomado, muitas vezes ressignificado, em uma determinada cultura, em decorrência de uma certa história. Trata-se de uma leitura dos vestígios que exibem uma rede discursiva que envolve os sentidos, que leva a outros textos, a outros discursos, a outros enunciados, que enfim nos conduz pensar a enunciação como operações que regulam a

retomada e a circulação do discurso. Essa busca incessante a outras fontes confirma a memória de uma cultura conservada e reinventada. Formam-se redes de memória que possibilitam o retorno de sentidos e representações do passado, constantemente reatualizados, provocando emergências na memória do presente. Redes de memórias onde os enunciados são confrontados, repetidos, deslocados de seus sentidos, onde se pode observar o movimento da trama enunciativa. Para que uma memória discursiva seja enfim materializada, ou seja, que possamos encontrar remissões dos textos entre si e a outros textos do passado, faz-se necessário identificarmos as enunciabilidades que se encontram no espaço interdiscursivo, onde os enunciados se articulam, representando-as.

O trabalho de análise não se resume a uma atividade de comprovação empírica nem dedutiva. A análise não se situa no domínio dos produtos, mas dos processos, em especial, dos processos de produção dos sentidos. É um trabalho de natureza essencialmente hipotética, cuja tarefa apóia-se sobre uma espécie de representação de um imaginário retido na memória. O exercício analítico repousa pois sobre a construção de implícitos ligados à memória, por meio de operações de retomadas do discurso, que se assemelham as de tipo parafrásticas. Procederemos alinhavando os acontecimentos, cruzando sentidos.

Apoiada em Pêcheux (1990 e 1995), Gregolin descreve esse movimento de análise descritivo-interpretativa, com base na forma material do acontecimento. Isto é, um procedimento analítico que prevê a articulação entre a forma material do enunciado e o seu sentido historicamente produzido, que necessariamente envolve as relações entre o lingüístico e o histórico, que se referem, respectivamente, ao intradiscurso e ao interdiscurso.

O movimento analítico mostra que essa materialidade e esse acontecimento são inseparáveis, isto é, não existe de um lado a linguagem e de outro o histórico; não existe o interior (linguageiro) e o exterior (histórico): ambos se fundem para produzir efeitos de sentidos. Para mostrar esse amálgama, Pêcheux analisa a materialidade do enunciado e evidencia as articulações entre o intradiscurso e o interdiscurso (GREGOLIN, 2006a, p. 30).

Considerando, portanto, a especificidade dos sujeitos produtores dos textos e o seu contexto de produção, isto é, mulheres professoras em processo de formação falando sobre educação, focamos nos discursos que enredam a mulher na condição específica de professora do magistério, a *mulher-professora*.

Análise descritivo-interpretativa: mapeando enunciados

Colocamos em prática o exercício de *regularização*, segundo a proposta analítica de Achard (2007), procurando estabelecer *séries enunciativas* nos textos das professoras, atentando para possíveis derivações. Esse trabalho de busca de *familiaridades ou ligações* (ACHARD, 2007) anteriores entre os enunciados lá mapeados se realiza na constante articulação com a história em torno dos sujeitos envolvidos. O objetivo desse mapeamento enunciativo é observar as regularidades discursivas que permanecem e as que se atualizam no processo de enunciação das condições de existência da mulher-professora.

Como resultado do mapeamento, chegamos a um discurso que se sustentou, no princípio, sob um trinômio de sentidos distintos, por vezes, antagônicos, na caracterização mulher-professora e a educação promovida por ela. Identificamos inicialmente um trio enunciativo, participando cada um de regularizações específicas:

E1: Série enunciativa da “maternagem”

Em E1, o sentido do conjunto de enunciados gira em torno de uma educação apregoada pelo meio do amor, afeto, estímulo, orientação, cuidado, dedicação, e da qualificação da mulher-professora por ser atenciosa, carinhosa, amorosa, doce, gentil, dedicada, meiga etc. Os enunciados reiteram princípios e práticas educacionais historicamente considerados próprios da mulher e da mãe, isto é, ligados à “aptidão inata maternal feminina para o magistério”. Exemplo de enunciado mapeado que participa de E1:

(6)² Só no ano seguinte eu voltei a estudar, com outra professora, bem mais atenciosa e carinhosa.

E2: Série enunciativa da “rude aspereza”

Em E2, os enunciados giram em torno de uma educação que se apóia sob a violência, raiva, arrogância, sofrimento, indiferença. Características tipicamente não-maternais, que qualificam a mulher-professora enquanto autoritária, intransigente, severa, insensível, isto é,

² O número a frente dos recortes retirados do *corpus* corresponde à numeração dos textos de onde os recortes foram retirados, nos Anexos da pesquisa. Por exemplo, “6” corresponde ao texto do Anexo 6, e assim por diante.

segundo um estigma convencionado em nossa cultura como masculino. Exemplo de enunciados que dividem o mesmo espaço de enunciabilidade, em E2:

(6) [...] *ela gritou comigo* e insistiu que eu lesse. Então como eu não soube ler, *ela pegou uma vara enorme e ameaçou me bater se eu não escrevesse no caderno o que estava no quadro*. Com *muito medo dela*, eu tentei escrever sem saber mas não consegui. Então novamente, *ela gritou comigo* e *me chamou de burra e cega*, eu *comecei a chorar* com *medo* dela e também por *vergonha*. Ela *me colocou isolada no canto da sala* até o final da aula. Naquele ano eu não voltei mais à escola, eu *sentia muito medo da professora*.

E3: Série enunciativa da “competência técnica”

Os enunciados em E3 convocam sentidos que valorizam a competência técnica da mulher-professora, reflexo de uma série de transformações sócio-econômicas pelas quais passou e passa o magistério feminino, que deram a ela condições de preocupar-se e investir em sua formação intelectual e profissional, motivada, por exemplo, por políticas públicas educacionais e por sua inserção gradual no mundo acadêmico.

(2) Ela era uma *ótima professora, oportuniza o aprendizado em muitas atividades diferenciadas*.

Como nosso objetivo foi mapear as regularidades discursivas que permanecem e as que se atualizam, seguimos com o exercício de regularização/(des)regulação observando possíveis interseções e/ou deslocamentos enunciativos ocorridos entres as três séries inicialmente mapeadas. Chegamos a mais três regularizações, em que novos sentidos se formavam e, com isso, novos enunciados constituíam-se, levando-nos a identificar outras três séries enunciativas:

E4: Série enunciativa da “maternagem” e “competência técnica”

Os enunciados mapeados de E4 associam duas características aparentemente contraditórias para caracterizar a mulher-professora, ao mesmo tempo enquanto “amorosa” e “técnica” – sentidos que se referem respectivamente à E1 e E3, mas escapam à regularidade de ambas as séries. A ocorrência desse discurso heterogêneo ratifica um paradoxo vivido pela

mulher-professora primária na atualidade, na medida em que, de um lado, dedica-se a sua formação intelectual e profissional, e por outro lado, ainda costuma atestar a qualidade da sua atuação profissional em função de seus atributos maternais. Exemplo da nova regularização enunciativa E4, constituída a partir de desregularizações ocorridas em E1 e E3:

(2) Ela era uma *ótima professora, oportuniza o aprendizado em muitas atividades diferenciadas*. [...] Ela era *muito amável, doce* e eu queria agradá-la, mostrando que aprendia tudo que ela me ensinava.

E5: Série enunciativa da “maternagem” e “incompetência técnica”

E5 também é resultado de interseções enunciativas entre E1 e E3. No entanto, aqui há uma particularidade no que se refere à regularidade da série E3, uma vez que a mulher-professora está sendo caracterizada, nesse caso, pela *falta* de competência técnica. Esse desvio à regra nos permite integrar enunciados como os abaixo (encontrados no recorte 19), em uma quinta regularização (E5), reflexo de um desacordo vivido pela mulher-professora no contexto escolar, quando se vê repetindo/reafirmado uma prática de ensino tradicional, mesmo estando inserida em ambiente que tende a promover reflexões sobre esses princípios e práticas docentes ultrapassados.

(19) *A professora era gentil e fazia-nos repetir: B com A, Ba; B com E, Be... e assim por diante*. [...] Depois deveríamos formar as palavras assim: BA-LA, BO-LO, BE-LA. Mas tarde vieram as frases: VOVÔ VIU A UVA, A BOLA É BELA... Não havia musiquinhas para ensinar o alfabeto, massinhas para modelar as letras, televisão, vídeo cassete, DVD, rádio e CD [...].

E6: Série enunciativa da “rude aspereza naturalizada”

Entendemos a série E6 a partir de uma possível desregularização da série E2. Em E6, quebra-se uma regularidade comum entre os enunciados partilhados de E2, na medida em que se está tendendo a *naturalizar* a prática docente rígida, e não a condená-la, como acontece em E2. No recorte 11, por exemplo, a adversativa pode estar contrariando uma expectativa da rejeição criada pela enunciação anterior, quanto à rigidez do sistema educacional, passando a concebê-lo enquanto uma tendência natural, incontestável, como se a educação pela via da rude aspereza seguisse a ordem regular do sistema educacional.

(11) O sistema era muito rígido, *mas* tudo ocorria *naturalmente*.

Finalmente, a partir das seis regularizações enunciativas observadas (E1, E2, E3, E4, E5 e E6), entendemos ter mapeado um “espaço do dizer” sobre a mulher-professora e a educação promovida por ela. Diante dessa constatação, entendemos o sexteto enunciativo, com suas *regularidades* e *dispersões*, fazendo parte de uma mesma *formação discursiva* (FD), confirmando não somente sua característica constitutivamente heterogênea, mas também o jogo de força ao qual a memória está sempre suscetível, que pode desestruturar uma regularização e criar outras, sob a influência do acontecimento discursivo novo. O trabalho analítico desenvolvido conseguiu capturar alguns movimentos de retomada e inserção de sentidos na memória, ao levar em conta os elementos enunciativos que certos implícitos comportam, contribuindo enfim para verificar a constituição dos discursos e seu processo de significação.

Possíveis conclusões

Enfim, a partir do mapeamento de enunciados realizado em nossa pesquisa, conseguimos observar alguns *jogos enunciativos* estabelecidos entre os textos das professoras, que nos levaram a identificar sentidos produzidos em torno da FD sobre a mulher-professora e a educação promovida por ela, em contexto escolar.

No que tange à investigação específica dos enunciados mapeados no *corpus* de nossa pesquisa, observamos uma produção discursiva de sentidos atribuídos a mulher-professora, criada a partir de regularidades enunciativas que foram se formando principalmente pela enunciação desse sujeito. Não se trata de um olhar sobre a mulher-professora como vítima desse processo discursivo, mas como atuante na/para produção de sentidos.

Contraopondo-se a uma prática de naturalização e unificação de sentidos, o trabalho analítico que procuramos empreender buscou observar seus movimentos, os processos discursivos sócio-historicamente determinados que provocaram a sua produção. Isto é, mais do que entender e explicar o que a mulher-professora diz sobre “si mesma”, pudemos perceber o que uma determinada época histórica “diz” sobre ela, por meio de enunciados construídos e partilhados historicamente, no espaço interdiscursivo, que se materializam intradiscursivamente nos textos das professoras. Colocou-se em prática um trabalho de análise

descritivo-interpretativa de apreensão de sentidos em jogo na trama enunciativa, que se situa na ordem da memória.

Referências bibliográficas

ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2007.

COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique. Le discours communiste adressé aux chrétiens. In: *Langages*, 62, 1981.

_____. O discurso inatingível: marxismo e lingüística (1965-1985). In: COURTINE, J.-J. *Cadernos de Tradução* (6). Tradução de Heloisa M. Rosário. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 5-18

_____. A estranha memória da Análise do Discurso. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 25-32.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GREGOLIN, M. R. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 23-44.

_____. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

_____. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. Pedro Navarro (org.). São Carlos: Claraluz, 2006a.

KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Portugal, Lisboa: Edições 70, 1969.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. Análise do discurso: três épocas. In: GADET, F.; HANK, T. *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de M. Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1995, p. 311-319.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Pontes, 1997, p. 55-66.